

A saúde está um caos...?

Com esta frase, na versão afirmativa, inúmeros clientes chegam descrevendo o sistema de saúde vigente no nosso meio. Questiona-se. Se são milhões de postos de saúde, serviços de atendimento primário, secundários e terciários, instituições privadas, ONGS, grupos religiosos, todos trabalhando em prol de um bem comum: a saúde, por que, então, estaria um caos? Inúmeras são as possibilidades e os fatores envolvidos. Várias são as possibilidades, mas, certamente, uma das respostas está na diluição de forças e na falta de comunicação entre os diversos serviços, associadas a outros fatores.

Existe um problema único onde são sugeridas diversas soluções direcionadas para pontos diferentes. Não há uma convergência de esforços, que culmina com a não resolução, e o empenho empreendido foi perdido, em parte ou na totalidade.

O que se tem notado é que cada serviço tem seu próprio meio de atendimento e sua rotina estabelecida. É melhor que seja assim. Cada um com sua identidade, procurando atender melhor dentro de suas possibilidades e limitações, humanas, de instrumentos de diagnóstico e de tratamento, de insumos básicos e de recursos financeiros disponíveis. No entanto, na maioria das vezes, quem perde é o próprio cliente. Não há comunicação nem um inter-relacionamento entre os vários serviços. Até mesmo em hospitais de referências nacionais o cliente é esquarterado, departamentalizado, e seu acompanhamento é entrecortado por especialidade. Não se trata de uma realidade de um ou outro local. Isto ocorre em todo o Brasil e em grande parte do mundo.

Surgem projetos de reforma e melhoria da saúde. O porquê de estes projetos não funcionarem parece mais claro. Há uma dissonância entre o plano e o atendimento. O profissional de saúde que se encontra na frente do atendimento, no *front*, tem uma visão individual e restrita da situação. Sua visão é focada, imediatista e sob pressão, a do cliente e/família, ele tem que resolver tudo ali, agora e rápido. Vê apenas a superfície do *iceberg*.

Por outro lado, os estudiosos, os elaboradores de estratégias estão restritos aos seus gabinetes, pensando... eles têm uma visão mais abrangente, uma visão “macro” do problema, mas as soluções propostas são, na maioria das vezes, inexecutáveis, quer por desconhecimento da realidade lá fora, quer por falta de bom senso e de pragmatismo. Há uma dissociação entre a realidade e o imaginário tecnicista.

Tem havido uma discordância na análise da abrangência e profundidade do problema. Este quadro tem determinantes individuais, sociais, econômicos, jurídicos e políticos. Ele é intrinsecamente multiforme. A fisionomia externa depende do interesse, da necessidade e do estágio de cidadania do observador?

Outro grave problema é o descompasso entre o avanço das pesquisas e a democratização de seu acesso pelas classes menos privilegiadas. As universidades e serviços privados têm desenvolvido técnicas, condutas, instrumental e medicamentos que comprovadamente melhorariam a qualidade da saúde de nossa

Carlos Antônio Bruno da Silva

Editor da RBPS

população. No mesmo instante, os pacientes são submetidos a métodos terapêuticos obsoletos e medicamentos que não seriam os mais indicados. Isto ocorre na hipertensão arterial, no diabetes mellitus, nas doenças pulmonares, nas reumatológicas, nas nefrológicas, entre outras. Por que alguns são privados do benefício de uma tecnologia de ponta como o *laser*, que hoje tem demonstrado possuir tantas aplicações?

Nos últimos 20 anos, tem havido uma progressiva deterioração do atendimento público, com queda de sua qualidade, tudo associado ao massacre de profissionais de saúde e pacientes submetidos à iniquidade econômica. Os recursos de diagnóstico e tratamento de alto custo, na área da saúde, estão inviabilizando a grande parte da população o acesso aos serviços de grande parte da população.